

## O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTO LITERÁRIO: VALORIZANDO SABERES E FAZERES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Vânia Karla Dantas Ricardo<sup>1</sup>  
Luilson Lucas de Melo<sup>2</sup>  
Marcos Vieira da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das experiências com o projeto ‘O ensino de história no conto literário: valorizando saberes e fazeres para uma aprendizagem significativa’ com os alunos dos 6º anos da Escola Estadual Coronel Ovídio Montenegro no município de Ipanguaçu/RN. O contexto das práticas decorreu com o uso das fontes históricas significadas com o conto literário e a história, destacamos a canastra que foi relevante na organização e apresentação das fontes, objeto este que incluiu a criação e o desenvolvimento da pesquisa. Ressaltamos a representação dos alunos por meio da criação da canastra, da construção das fontes e da apresentação da investigação. Para tanto, foi feito uso de elementos construídos afim de valorizar os saberes e fazeres dos alunos arquitetando e recriando a narração contextualizadas com as experiências, valores e tradições.

**Palavras-chave:** Literatura e história. Canastra. Fontes históricas. Ensino-aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

A educação atualmente traz uma discussão pertinente sobre o ensino de história nos últimos tempos referentes ao uso de documentos históricos, essa prática está sendo desencadeada desde o final do século XX até os dias atuais. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1996) mostra a relevância deste estudo em sala de aula incluindo as fontes históricas.

Certamente são instrumentos usadas diariamente em sala de aula, imagens, contos, canções, materiais, livros didáticos, entre outros, por meio destes o professor amplia a sua metodologia como também possibilita a sua didática no processo de ensino-aprendizagem dos alunos sobre a história.

Para tanto, o professor no ofício da função assume a responsabilidade como mediador do conhecimento, uma vez que ao ensinar história ele não reproduz o conhecimento, mas

---

<sup>1</sup>Graduada pelo curso Licenciatura em História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e graduanda pelo curso de Licenciatura em Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, vaniakarladr@hotmail.com;

<sup>2</sup>Graduado pelo curso Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, luilson\_lucas@hotmail.com;

<sup>3</sup>Graduado pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró/RN, marcosvieira\_rn19@hotmail.com;

compartilha a sua própria representação da história sobre determinados conteúdos buscando a interação e a construção histórica com os alunos.

Neste sentido, o professor é facilitador do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mostrando de forma didática que a história é feita de vestígios deixados pelos homens do passado relacionados com o presente e, que se constituem no material com o qual o historiador utiliza para compreender ações de determinadas sociedades em determinados tempos e espaços.

Nesta perspectiva, o professor utiliza as fontes históricas como os historiadores, buscando a investigação histórica que venha alcançar o objetivo desejado, entre eles o processo histórico incluindo os conteúdos e a contextualização com as fontes históricas. As fontes tornam-se então, um instrumento didático pedagógico que certamente nos auxiliou na tarefa de estimular o imaginário do aluno no ensino-aprendizagem sobre a história.

Portanto, a pesquisa com as fontes históricas possibilitou relações e compreensões acerca dos relatos históricos e da construção da história, e como estes se relacionam no contexto interdisciplinar visando a otimização do ensino no processo de produção do conhecimento histórico. As fontes históricas é parte dessa otimização e do processo ensino aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é fundamentada pela escrita teórica-metodológica analisando as práticas do ensino de história com o uso das fontes históricas, consideradas um material importante para a pesquisa, o qual os historiadores vão se apropriando por meio de abordagem científica, métodos diferentes, técnicas variadas para iniciar a construção de seus discursos históricos. Para Pinski (2005, p.7):

Atualmente o conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, entendendo-as como vestígios de diversas naturezas, deixados por sociedades do passado. Entretanto, o historiador deve dominar métodos de interpretação, entendendo que as fontes devem ser criticadas e historicizadas.

A partir do século XIX quando a História passa a ser implantada como disciplina acadêmica, começou a se tornar mais rigorosas as análises nas pesquisas, privilegiando os documentos escritos e oficiais a serem utilizados como fontes históricas. Os pesquisadores pautando-se na autenticidade dos documentos, tendo estes como “relator da verdade”, dos fatos históricos em si e se apropriando como fonte didático metodológico mediando-os na sua prática pedagógica em sala de aula.

Com isso, surge após os anos de 1930 as contribuições da escola dos Analles, que passaram a ser influenciadas pelas teorias do autor Karl Marx (1975) sobre a pretensa objetividade imparcial da história e do materialismo histórico. Assim, os fatos descritos sobre os documentos oficiais deixaram de serem vistos como portadores de uma verdade irrefutável, uma vez que os fatos históricos deveriam ser construídos pelos historiadores por meio de uma conjunção entre o presente e o passado. Nesse sentido, de acordo com Silva (2006, p.162):

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação com a sociedade que o produziu.

Para tanto, passaram a surgir novos objetos que se fizeram necessários na prática do professor mediador e no ensino-aprendizagem de cada aluno. Todos os tipos de vestígios do passado como os contos, as fotografias, as imagens e as músicas, enfim uma série de elementos que auxiliaram os historiadores na busca de compreender como se estabeleceram os homens do passado, quais significados os objetos daquela época representavam para a sociedade existente e sua relação com o presente.

Nesta perspectiva, as discussões que se fizeram presentes neste trabalho sobre as fontes históricas, ainda que de uma forma sintetizada, busca demonstrar que tipo de material os historiadores utilizam ao fazer e refazer a história. As fontes históricas são para os historiadores, algo que permite moldar o seu pensamento sobre a história, seria para o pintor a obra de arte finalizada, no qual cada pincelada de tinta é parte de uma representação da obra do pintor.

Neste sentido, quando o professor historiador trabalha utilizando as fontes históricas, é possível tecer determinadas interpretações, que são influenciadas pelo seu presente. No entanto, são as fontes os artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidades pelos grupos que a originaram. Assim para Bloch (2001, p.79): “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”.

Desta forma, as fontes históricas forem utilizadas considerando o desenvolvimento cognitivo dos envolvidos na relação de ensino-aprendizagem em história. Certamente, o professor mediador possibilita tais instrumentos no auxílio a compreensão dos alunos relacionando ao presente e ao passado.

Assim, o estudo de história considera que estaremos formando pesquisadores ou que estes devem participar das discussões historiográficas, mas enquanto professor mediador, precisamos instigar os alunos por meio do ensino de história. Prática que segundo Rusen

(2007, p.133): “Permita ao indivíduo a indagação sobre o passado de forma que a resposta lhe faça algum sentido no presente e que de alguma maneira esse sujeito encontre uma orientação histórica para a sua vida cotidiana”.

Ainda com base na prerrogativa acima, o indivíduo seria capaz de alcançar a sua consciência histórica por meio de suas vivências e ensinamentos, que se remete ao entendimento das várias temporalidades a qual estamos participamos, pensando em uma história que não é linear, mas que é advinda por processos de mudanças, de rupturas que em cada tempo visa determinar as suas representações e vivências do homem no seu tempo e espaço.

## DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi fundamentada a partir das observações e práticas em sala de aula destacamos as fontes históricas pesquisadas e construídas pelos alunos, afim de valorizar os saberes e fazeres inventando e recriando a narração contextualizadas com as experiências, com os valores e com as tradições. Sobre as condutas de outros mediadores culturais Siman (2004, p.88), destaque que:

A presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura, material visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico, possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível “imaginar”, reconstruir o não vivido diretamente por meio de variadas fontes documentais.

Neste sentido, as fontes históricas com o uso da canastra trazem uma série de materiais que subsidiaram os alunos no transcorrer das aulas, a princípio facilitando a prática em sala de aula nas relações com os alunos pesquisadores, seja por meio do discurso histórico ou pelo ensino-aprendizagem dos alunos.

As fontes ao decorrer das aulas tornam um instrumento cultural permitindo aos alunos fazerem diferenciações entre o passado e o presente, se apropriando de contextualização e das fontes na história.

Conforme Fonseca (2005), menciona as fontes históricas assumem um papel fundamental na prática do ensino de história, uma vez que são colaboradores nos processos de investigação e pesquisa, a começar pelas diferenciações e abstrações. De fato, é uma dificuldade quando tratamos de crianças e jovens em desenvolvimento e habilidades e conhecimentos, no entanto, diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio dos professores mediadores na atualidade.

Como bem afirma Mello (2001), os alunos quando convivem ao universo escolar, possuem ideias próprias sobre os acontecimentos e lembranças históricas que nas instituições essas ideias funcionam como fontes de hipóteses explicativas na forma mais simples de se compreender o passado, as instituições, as pessoas, os valores, as crenças e os comportamentos, seja por meio de imagens ou de contos da literatura.

Dessa forma, a mediação decorreu por meio do diálogo dinamizando os textos e as produções históricas propícias a atribuições e novos significados a história e seus sujeitos e no tempo e no espaço.

Ao construir a canastra a pesquisa incide numa percepção de ensino-aprendizagem com a história e o conto literário, relacionando a escrita e a leitura significadas com os contos literários com valor simbólico destes artefatos para determinadas sociedades. Segundo Carlos Nogueira Fino (2001, s/p): “[...] a utilização de artefatos, deve ser reconhecida como transformadora do funcionamento da mente, e não apenas como meio de facilitar processos mentais já existentes”.

Seguindo essa linha de pensamento, a ampliação dos conceitos sobre alguns objetos utilizados durante as aulas, ao fazer uso da canastra de maneira a entendê-la não somente como auxílio, mas como uma ação complexa da estrutura cognitiva dos alunos e suas compreensões da história. Assim, os instrumentos são pensados como parte dos sujeitos em si, uma vez que estes possibilitam os alunos a formarem conceitos sobre as representações das fontes históricas.

As crianças possuem o que elas denominam de zona de desenvolvimento potencial, com o auxílio dos instrumentos utilizados na canastra são potencializadas nas relações entre professor e aluno ao estimularem a formulação do pensamento por conceitos, uma vez que Vygotsky (2007, p.44-100): “O adulto não pode transmitir a criança o seu modo de pensar. Apenas lhe fornece o significado já acabado de uma palavra, em torno do qual a criança forma um complexo”.

As construções significadas pelos alunos são estabelecidas essencialmente em uma relação de ensino-aprendizagem, nas relações pelo diálogo e a análise que tomam suas formas concretas na linguagem, sem elas os homens não seriam capazes de se tornarem social, histórico ou cultural. Nesse aspecto, ainda é refletido em Vygotsky (2007, p.75-100): “O significado de cada palavra é uma generalização, um conceito e como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamentos, podemos encarar o significado como um fenômeno do pensar”.



Com isso, os conceitos se formam por meio da significação que os alunos vão adquirindo ao longo de seu desenvolvimento cognitivo, que não se estabelece de forma mecânica, mas por atribuições de sentidos relacionados a cada um ao fazer uso dos instrumentos das fontes históricas como essência transformadora da mente.

Dessa forma, as fontes quando assumem também uma função pedagógica deve ser entendida como um instrumento que permite construir significados específicos que podem auxiliar os alunos a fazer abstrações e diferenciações, o que levará estes a construir determinados conceitos sobre a história.

Para tanto, é importante que no processo de significação o aluno utilize e crie fontes históricas percebendo outros textos e outras leituras, que não sejam os contos, percebendo ampliação dos sentidos destas fontes, que devem ser consideradas instrumentos culturais repletos de historicidades.

Neste sentido, as fontes históricas não devem ser usadas somente como ilustrações, pois são as fontes que possuem uma função específica para o ensino de história como documentos antigos que trazem velhos arquivos para subsidiar a atualidade. Enquanto, professor é preciso considerar as operações cognitivas que os alunos sofrem ao usarem suas imaginações para tentarem criar um raciocínio histórico, não basta apenas que os alunos evidenciem os temas históricos, mas relações com o presente e o passado dialogando com as fontes históricas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto de leitura aplicada na E.E.C.O.M decorreu nas leituras ao livro didático ao perceber questões teóricas sobre as fontes históricas e, surgiu a possibilidade de relacionar o conto literário como fonte histórica. Então, as leituras iniciais decorreram ao acervo de literatura existente na escola, no qual possibilitou aos alunos compreenderem os conceitos das fontes iconográficas, fontes materiais, fontes orais e fontes escritas.

Nesta perspectiva, foi pensado a produção de uma canastra para guardar alguns instrumentos já significados com o conto literário para serem relacionadas as fontes históricas, no sentido de que os alunos possam guardar nas canastras a fim de representar os objetos posteriormente.

É a partir deste contexto que decorreu o compartilhamento de saberes e fazeres criando e recriando as fontes orais, escritas, materiais e iconografias. Esses instrumentos de ensino-aprendizagem passam a ser compartilhados com a turma num aspecto indutivo e crítico

permitindo aos alunos contar a sua própria versão da história, possibilitando um mundo de imaginação e criticidade, na versão ficção e na versão científica.

Com base nas informações descritas no decorrer do trabalho sobre os contos literários e as fontes históricas, referenciamos a importância da leitura em sala de aula, e a criação da canastra possibilitou tal compreensão pedagógica e histórica, desde os estudos, as leituras e ao compartilhamento de saberes desenvolvidos por cada aluno.

Por meio desta perspectiva, diversas fábulas literárias são desenvolvidas como a escrita, a iconografia, a oralidade, o material que se encontra na canastra e os questionamentos. Neste sentido Cerri; Ferreira (2007, p.72), salientam que:

[...] os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, musical e rítmica.

Com isso, ao estudar sobre os personagens e suas histórias nos espaços literários fazendo uso de objetos, falas, fotografias, músicas, imagens e registros históricos, aluno e professor são oportunizados ao fazer releituras de contos aparentemente imaginários. Despertando a imaginação sobre diferentes ângulos e contextos, para criar a canastra que surgiu na ousadia, na fantasia, na fabulação e na invenção da arte histórica por meio da literatura, tornando-se um instrumento mediador no ensino-aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, sabendo que cada aluno possui formas particulares de aprender, é importante instigar cada vez mais os alunos sobre o ensino de história. Segundo Brodbeck (2009, p.12), explica que: “quando destaca que o ensino de história não é memorização de datas e nomes, trata-se de uma disciplina que oferece ao aluno a possibilidade de construir conhecimento partindo das experiências próprias”.

Certamente as experiências são avigoradas pela arte de fazer e de sentir dos contos e das fontes históricas com uso da canastra, sendo que isso perpassa todo o imaginário do ser humano. Mas também, baseia-se em critérios pré-estabelecidos, em que se utiliza das leituras, imagens, fontes históricas e dos livros dos contos.

Desta forma, aprendemos que o ato de aprender deve surgir com o prazer no que se faz e essa junção se transforma na arte de imaginar. Nesta perspectiva, a história busca viver e reviver o passado, vivendo o presente e imaginando o futuro a partir dos contos literários, para que assim possamos nos tornar pesquisadores e os saberes adquiridos passem a ser o que acreditamos e estudamos por meio das leituras aos contos literários e as fontes históricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas e as experiências com o projeto, ‘O ensino de história no conto literário: valorizando saberes e fazeres para uma aprendizagem significativa’ possibilitou relações com o ensino-aprendizagem e com a estrutura cognitiva dos alunos.

Para tanto, a pesquisa abrangeu a ideia de que o professor não é um simples reprodutor do conhecimento, mas ações pedagógicas possibilitando o envolvimento das representações, das imaginações e das criticidades com o uso das fontes históricas.

Com isso, foi contextualizada nesse trabalho a relação entre o conceito de fontes que os historiadores utilizam para realizar as suas pesquisas e tecer o discurso sobre a história e a sua função como instrumento cultural, que as fontes assumem quando é proposta nas aulas da disciplina de história a fim de produzir conceitos e conhecimentos históricos.

As fontes históricas ao serem utilizadas para a construção do conhecimento em história possibilita uma compreensão crítica, mas também representativa apropriando como um recurso didático metodológico e histórico.

Porém, reafirmamos que as fontes históricas não devem ser simplificadas a uma mera ilustração de conteúdo, uma vez que se traduzem em artefatos de intencionalidades. As fontes devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura cognitiva dos alunos. Neste sentido, demonstrar as representações que determinados grupos falsificaram sobre a sociedade em que viviam, como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço.

Diante da importância dos pontos aqui discutidos e dos resultados apresentados, esperamos que esta pesquisa contribua para uma reflexão sobre uso da canastra das fontes históricas e o lúdico no ensino-aprendizagem na disciplina de história. Que o referido documento possa favorecer subsídios importantes para a tomada de decisões referentes à educação. Sem a intenção de dar por finalizado esse debate, que esta discussão continue com novas abrangências e relações.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.



- BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O ensino de história: um processo de construção permanente: história, ensino fundamental.** – Curitiba: Módulo, 2009.
- CERRI, Luís Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Notas sobre a demanda sociais de representação e os livros didáticos de história.** IN: O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisa e ensino. (ORG) Margarida Maria Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamatto. EDUFRN, Natal: 2007.
- FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas.** Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n.002. Universidade do Minho Braga, Portugal, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história.** Campinas – SP: Papyrus, 2005.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** 3. Ed. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. P. 2001 – 224.
- MELLO, Maria do Céu de. **O conhecimento tácito substantivo histórico dos alunos-no rastros da escravatura.** IN: Barca, Isabel (org). Perspectiva em Educação Histórica. Centro de Estudos em Educação e Psicologia: Universidade do Ninho, 2001.
- PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.
- RUSEN, Jorn. **Didático – funções do saber histórico.** In: História Viva: teoria da História, formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevan de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, edição n. 2, 2006.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. **“O papel dos mediadores culturais e de ação mediadora professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos”.** In: ZARTH, Paulo A. e outros (orgs). Ensino de História e Educação. Ijuí: Ed: UNIJUÍ: 2004.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** In: [www.jahgr.org](http://www.jahgr.org). Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Acesso 05/08/2019.